

O quadro referencial fornecido pela sociedade (os bichos e a simbologia a eles relacionada) e as interpretações culturais dos sonhos a eles vinculados, atestam essa relação dialética entre o onírico e o social.

A partir das interpretações populares dos sonhos, poder-se-ia ainda dizer que o jogo do bicho entrelaça o onírico à realidade e o imaginário ao simbólico. Pois, segundo Castoriadis, "o imaginário deve utilizar o simbólico e inversamente o simbolismo a capacidade imaginária, pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, e de vê-la diferente do que é"<sup>(18)</sup>.

Configurando esta afirmação, pode-se compreender o axioma dos jogadores: "não se deve jogar no bicho que se sonhou".

A existência dos sonhos permeando o jogo do bicho, institucionaliza, assim, o onírico contido no simbolismo e no imaginário, incentivando-nos a explorar a capacidade dos indivíduos a criarem um novo mundo diferenciado do cotidiano vivenciado por eles.

Leo Oppenheim, ao analisar os sonhos, os cataloga em três níveis: científico, folclórico e o papel do sonho no contexto social.

A atitude científica estaria para ele relacionada à profecia dos sonhos. "Proponho-me a ver no aspecto profético do sonho uma atitude científica"<sup>(19)</sup>. No que tange ao jogo do bicho, a interpretação das profecias generalizadas dos sonhos no imaginário dos jogadores corresponderia a esta atitude científica:

"Sonhei que estava na beira de um rio e não tinha transporte; vi um jacaré e 10 homens pularem em cima dele. Eu disse: 'isso é um sonho para jacaré, mas vai dar é vaca, pois jacaré é 15, com 10 em cima (os homens transportados) somam 25, que é vaca".

"A atitude folclórica não vê nos sonhos predição alguma, aceitando-os simplesmente como um fenômeno psicológico"<sup>(20)</sup>. A nosso ver, a ausência desse conteúdo profético do sonho, afastaria de análise a atitude folclórica de Oppenheim, pois, como já vimos, o sonho analisado apenas como fenômeno psicológico - divorciado dos presságios - é desprezado pelos viciados no jogo do bicho.

O terceiro nível, ou seja, o do papel desempenhado pelo sonho no contexto social, é a própria configuração do jogo do bicho. Pois, como vimos, existe o jogo do bicho porque existem *os sonhos*.

18. CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*, p. 132.

19. OPPENHEIM, Leo. Sonhos proféticos no Antigo Oriente Próximo. In: *O Sonho e as Sociedades Humanas*, p. 250.

20. OPPENHEIM, Leo. Sonhos proféticos no Antigo Oriente Próximo. In: *O Sonho e as Sociedades Humanas*, p. 250.

**Presságio:** fato ou sinal que prenuncia o futuro.

**Profecia:** predição do futuro feita por um profeta, oráculo.

## O ALIENÍGENA

Maria Cristina Martins

### NOTA INTRODUTÓRIA

Este belo e curto ensaio sobre conhecido texto ficcional de Machado de Assis originou-se de um exercício acadêmico, nem por isso menos relevante e empenhado. Nos seminários que desenvolvi sobre a invenção do Brasil nos projetos da inteligência brasileira, eu havia suscitado a reação criativa dos alunos ao lhes apresentar a seguinte proposição:

"Como trabalho **individual** deste curso, imagino algo que propicie a cada um(a) a ocasião de poder demonstrar a sua criatividade e sua capacidade de apreensão do que se convencionou chamar de realidade, que é, por certo, uma mistura de experiência, dados objetivos, imaginação e construção racional. Por outro lado, uma aprendizagem é tanto mais efetiva quanto mais ela possibilite a mobilidade do pensamento, ou seja, a sua aplicação a situações novas e generalizáveis, e a sua manifestação objetivada na elaboração de um produto real.

Tomando isso como pressupostos, sugiro a leitura e estudo analítico do conto *O Alienista* de Machado de Assis. O texto desse conto aparece pela primeira vez em livro intitulado *Papéis Avulsos* em 1882, Rio de Janeiro, Tipografia e Litografia a vapor; Encadernação e Livraria Lombaerts & Cia, e, segundo se supõe, é a única edição feita em vida do autor. Portanto, ele deve pertencer ao segundo período da criação ficcional do Machado, aquela fase da sua obra madura que é demarcada pela crise pessoal e seguida da publicação de *Memórias Póstumas de Braz Cubas*. Você poderá utilizar qualquer edição confiável do conto.



Trata-se de um dos melhores representantes da produção machadiana no gênero. É um conto relativamente longo, quase uma novela, no sentido espanhol do termo. Genialmente bem construído, onde as técnicas criativas do escritor aparecem com força e significação, e em que um dos traços característicos de seu estilo - o humor e a ironia - estão presentes como ingredientes necessários, etc.

Obviamente, este trabalho não se centrará numa análise literária do conto: essa perspectiva será aqui tangencial e poderá ou não ser considerada sem maiores prejuízos. O que nos interessa aqui primariamente é o seu conteúdo como documento, a saber, sua expressão de realidade tal como se manifesta na consciência privilegiada e no imaginário astuto de Machado, esse observador arguto da cena brasileira. A sua narrativa, no entanto, tenta dissimular-se por trás da aparência de pura ficção ou de algo irreal, e até é remetida para um tempo anterior e distante, o século XVIII, na fase colonial de nossa história. Especialmente, ela se passa no microcosmo de Itaguaí, pequena vila da província do Rio de Janeiro, embora outras localidades e mais especialmente a cidade do Rio e a metrópole portuguesa sejam ligeiramente referidas; ou seja, nas palavras do próprio Dr. Simão Bacamarte, o alienista, "Itaguaí é o meu universo".

Um texto da riqueza expressiva e do conteúdo de experiência humana como esse conto abre-se evidentemente a uma pluralidade de leituras. Num escrito de tal densidade, tudo se passa como se ele comportasse várias camadas de significação, desde a narrativa mais superficial e pedestre que pode ser relatada num simples resumo - do tipo: "Trata-se da história de um médico que se crê um sábio e que obtém autorização para construir um asilo de alienados em sua vila: com o tempo, cresce o seu poderio até que a maior parte dos habitantes se vê ameaçada de internamento; surge então uma revolta popular sob a chefia de um barbeiro conhecido familiarmente pela alcunha de 'o Canjica', etc..." - até seus inúmeros outros sentidos, tais como o simbólico, o satírico, o cômico, o alegórico, o metafórico, sem excluir seu enorme valor de atualidade e universalidade. Eu poderia, portanto, deixar ao sabor da imaginação de cada um(a) a elaboração deste trabalho. Todavia, para colocá-lo na perspectiva de nosso curso e dos pressupostos apresentados no primeiro parágrafo desta proposta, sugiro o seguinte roteiro de exploração desse texto de Machado de Assis.

\*Como você poderia utilizar no estudo de *O Alienista* a técnica e as reflexões críticas de Raymundo FAORO em Machado de Assis: *A Pirâmide e o Trapézio*? [Quero deixar claro que não estou pedindo uma

resposta catequética para esta pergunta, mas, sim, que você realize um exercício semelhante, embora bem mais restrito].

\*Que comparação seria possível realizar entre *O Alienista* de Machado de Assis e o *Macunaima* de Mário de Andrade? Noutras palavras, em que ambos podem representar algum retrato do Brasil?

\*De que modo a teoria esboçada por Roberto Da MATTA, em seu *Carnavais, Malandros e Heróis*, poderia ajudar a desvelar significações do conto em exame?

\*E como isso não esgota a riqueza do texto de Machado, não deixe de garimpar outros aspectos que suas leituras permitem revelar.

Nota - Além da ampla bibliografia do curso, você pode utilizar na feitura de seu trabalho quaisquer outras fontes, cotejos, reflexões, que lhe pareçam fecundos e consentâneos. Por isso cito mais alguns pontos a examinar: 1) Num dos textos mais lúcidos do séc. XVI, *O Discurso da Servidão Voluntária*, cujo manuscrito foi confiado pelo autor a Montaigne, Étienne LA BOÉTIE perscruta as razões que levam seres humanos a esse "vício horrível" de submeterem-se a um tirano: que relação isso pode ter com o tema do conto? E com as alianças de poder que vemos surgir no desenrolar da narrativa? 2) Em que consiste a atualidade desse texto de Machado de Assis? 3) Em que o seu autor se antecipa com respeito a correntes ou movimentos atuais de pensamento e de práticas sociais? 4) Você conhece algum outro escritor estrangeiro que tenha utilizado com igual intuito uma história semelhante? 5) Há algum aspecto ou fato desse conto que lembre algo no Brasil de nossos dias? etc., etc.

Para tanto, lembro ainda alguns bons estudos sobre Machado: Lúcia Miguel PEREIRA: *Machado de Assis* (estudo crítico e biográfico), col. "Brasiliana" - 73. São Paulo: CEN, 3. ed., 1946; R. MAGALHÃES JR.: *Machado de Assis Desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955; José Aderaldo CASTELO: *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: CEN-Edusp, 1969; os dois livros de Roberto Schwarz, etc. Para maiores informações, consultar a *Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* de Otto Maria CARPEAUX.

Enfim, consulte quem você quiser, pessoas, artigos ou livros, mas garanta a individualidade e a originalidade de seu esforço.

Fortaleza, 28 de junho de 1992."

A partir daí nasceu a resposta de Maria Cristina Martins, que bem merece divulgação mais ampla que a restrita ao ambiente do curso.

Eduardo Diatahy B. de Menezes



Trata-se de um dos melhores representantes da produção machadiana no gênero. É um conto relativamente longo, quase uma novela, no sentido espanhol do termo. Genialmente bem construído, onde as técnicas criativas do escritor aparecem com força e significação, e em que um dos traços característicos de seu estilo - o humor e a ironia - estão presentes como ingredientes necessários, etc.

Obviamente, este trabalho não se centrará numa análise literária do conto: essa perspectiva será aqui tangencial e poderá ou não ser considerada sem maiores prejuízos. O que nos interessa aqui primariamente é o seu conteúdo como documento, a saber, sua expressão de realidade tal como se manifesta na consciência privilegiada e no imaginário astuto de Machado, esse observador arguto da cena brasileira. A sua narrativa, no entanto, tenta dissimular-se por trás da aparência de pura ficção ou de algo irreal, e até é remetida para um tempo anterior e distante, o século XVIII, na fase colonial de nossa história. Especialmente, ela se passa no microcosmo de Itaguaí, pequena vila da província do Rio de Janeiro, embora outras localidades e mais especialmente a cidade do Rio e a metrópole portuguesa sejam ligeiramente referidas; ou seja, nas palavras do próprio Dr. Simão Bacamarte, o alienista, "Itaguaí é o meu universo".

Um texto da riqueza expressiva e do conteúdo de experiência humana como esse conto abre-se evidentemente a uma pluralidade de leituras. Num escrito de tal densidade, tudo se passa como se ele comportasse várias camadas de significação, desde a narrativa mais superficial e pedestre que pode ser relatada num simples resumo - do tipo: "Trata-se da história de um médico que se crê um sábio e que obtém autorização para construir um asilo de alienados em sua vila: com o tempo, cresce o seu poderio até que a maior parte dos habitantes se vê ameaçada de internamento; surge então uma revolta popular sob a chefia de um barbeiro conhecido familiarmente pela alcunha de 'o Canjica', etc..." - até seus inúmeros outros sentidos, tais como o simbólico, o satírico, o cômico, o alegórico, o metafórico, sem excluir seu enorme valor de atualidade e universalidade. Eu poderia, portanto, deixar ao sabor da imaginação de cada um(a) a elaboração deste trabalho. Todavia, para colocá-lo na perspectiva de nosso curso e dos pressupostos apresentados no primeiro parágrafo desta proposta, sugiro o seguinte roteiro de exploração desse texto de Machado de Assis.

\*Como você poderia utilizar no estudo de *O Alienista* a técnica e as reflexões críticas de Raymundo FAORO em Machado de Assis: *A Pirâmide e o Trapézio*? [Quero deixar claro que não estou pedindo uma

resposta catequética para esta pergunta, mas, sim, que você realize um exercício semelhante, embora bem mais restrito].

\*Que comparação seria possível realizar entre *O Alienista* de Machado de Assis e o *Macunaima* de Mário de Andrade? Noutras palavras, em que ambos podem representar algum retrato do Brasil?

\*De que modo a teoria esboçada por Roberto Da MATTA, em seu *Carnavais, Malandros e Heróis*, poderia ajudar a desvelar significações do conto em exame?

\*E como isso não esgota a riqueza do texto de Machado, não deixe de garimpar outros aspectos que suas leituras permitem revelar.

Nota - Além da ampla bibliografia do curso, você pode utilizar na feitura de seu trabalho quaisquer outras fontes, cotejos, reflexões, que lhe pareçam fecundos e consentâneos. Por isso cito mais alguns pontos a examinar: 1) Num dos textos mais lúcidos do séc. XVI, *O Discurso da Servidão Voluntária*, cujo manuscrito foi confiado pelo autor a Montaigne, Étienne LA BOÉTIE perscruta as razões que levam seres humanos a esse "vício horrível" de submeterem-se a um tirano: que relação isso pode ter com o tema do conto? E com as alianças de poder que vemos surgir no desenrolar da narrativa? 2) Em que consiste a atualidade desse texto de Machado de Assis? 3) Em que o seu autor se antecipa com respeito a correntes ou movimentos atuais de pensamento e de práticas sociais? 4) Você conhece algum outro escritor estrangeiro que tenha utilizado com igual intuito uma história semelhante? 5) Há algum aspecto ou fato desse conto que lembre algo no Brasil de nossos dias? etc., etc.

Para tanto, lembro ainda alguns bons estudos sobre Machado: Lúcia Miguel PEREIRA: *Machado de Assis* (estudo crítico e biográfico), col. "Brasiliana" - 73. São Paulo: CEN, 3. ed., 1946; R. MAGALHÃES JR.: *Machado de Assis Desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955; José Aderaldo CASTELO: *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: CEN-Edusp, 1969; os dois livros de Roberto Schwarz, etc. Para maiores informações, consultar a *Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* de Otto Maria CARPEAUX.

Enfim, consulte quem você quiser, pessoas, artigos ou livros, mas garanta a individualidade e a originalidade de seu esforço.

Fortaleza, 28 de junho de 1992."

A partir daí nasceu a resposta de Maria Cristina Martins, que bem merece divulgação mais ampla que a restrita ao ambiente do curso.

Eduardo Diatahy B. de Menezes



Quando iniciamos este trabalho, dividimo-lo em duas partes: a primeira, na qual, a partir do estudo sistemático que fizemos do livro *Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio* (selecionamos da obra todos os momentos em que o autor se refere a "O Alienista"), discutíamos esse conto de Machado de Assis à luz das análises de Raymundo FAORO; e a segunda, na qual, tendo como referência o estudo de Roberto Da MATTA (*Carnavais, Malandros e Heróis*), fazíamos um contraponto entre, de um lado, os "heróis brasileiros" - Macunaíma, protótipo de malandro, e Augusto Matraga, protótipo de renunciador - e, de outro, o Alienista, Dr. Simão Bacamarte.

Mudamos, no entanto, nosso intento inicial e aqui apresentamos um trabalho único, inteiriço. Para tanto, fizemos uso de todo o material apresentado acima e, como participamos dos seminários do Professor E. Diatáhy B. de Menezes, houve por bem acrescentar em nossa análise as obras aí examinadas. Assim, trata-se aqui de um estudo de *O Alienista* tendo como referência teórica não apenas Raymundo Faoro (op. cit.), Mário de Andrade (*Macunaíma*) e Roberto Da Matta (op. cit.), mas também Roger Bastide (*Brasil, Terra de Contrastes*), Richard Morse (*O Espelho de Próspero*) e Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*).

## 1 A CASA VERDE

Nas primeiras linhas de *O Alienista*, o leitor é, de imediato, afastado de seu momento presente, empurrado para um tempo distante, não claramente definido, que o autor chama de "tempos remotos". O tom da narrativa, em terceira pessoa, baseada nas "crônicas da vila", reforça essa sensação de distanciamento. Mais adiante, ainda no mesmo primeiro parágrafo, o leitor intuirá que se trata do período colonial brasileiro.

Tal procedimento não é o usual da obra de Machado de Assis, quase sempre preocupado em retratar, não o passado brasileiro, mas o presente no qual viveu. "A obra de Machado de Assis reflete o brilho do Império em vias de terminar: a passagem das festas da rua para as festas dos salões; a ascensão social do bacharel e do mestiço; as amizades nascidas dos encontros fortuitos ou dos acasos da vizinhança; as fortunas que se fazem e se desfazem facilmente." (BASTIDE, p.222).

Na análise de Raymundo Faoro, os "tempos remotos" são literalmente o período colonial brasileiro. No seu livro *A Pirâmide e o Trapézio*, Faoro desvenda a obra de Machado de Assis, mostrando como se estrutura a sociedade do Segundo Reinado, caracterizada pelo "encontro de dois mundos, o mundo que se despede" (o mundo dos estamentos) "e o mundo que chega" (o mundo das classes sociais) (FAORO, p. 15). Assim, Faoro utiliza *O Alienista* para contrapor a estrutura social, em transição, do Segundo Império, com a estrutura nitidamente estamental do período colonial brasileiro.

Na nossa análise, no entanto, não vamos seguir o caminho trilhado por Faoro. Do nosso ponto de vista, Machado utiliza o artifício do distanciamento para que sejamos obrigados a nos afastar de nós mesmos e possamos nos perceber de longe, tal qual nós somos. Ao "destemporalizar" o leitor, é como se Machado soubesse que "mesmo numa sociedade historicamente determinada, (na qual o eixo temporal é sempre posto em primeiro lugar) podem-se encontrar valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar acima do tempo." (DA MATTA, p. 22). No fundo, portanto, o que Machado tenta fazer no conto é buscar compreender os "domínios a-históricos" do povo brasileiro, ou seja, "suas regiões sociais vividas e concebidas como invariantes" (DA MATTA, p. 25).

Uma vez distanciados no tempo, somos levados a travar conhecimento com o personagem principal, o Doutor Simão Bacamarte, em torno do qual (e por causa do qual) irá desenrolar-se toda a história. Filho da nobreza da terra, estudara em Portugal. Não fica, no entanto, na Europa: retorna ao Brasil porque sabe que o Brasil é o seu universo.

Pelo exagero de sua caracterização, o Dr. Simão Bacamarte é muito mais um "tipo" que uma personagem. Como "tipo", simboliza o intelectual brasileiro, trazendo em si a dualidade característica do intelectual brasileiro: nascido no Brasil, sua formação cultural é européia: ou por ter morado na Europa - como é o caso do Dr. Bacamarte - ou por sofrer influência da cultura européia. Carregado dessa duplicidade, o intelectual brasileiro sente-se brasileiro na Europa e europeu no Brasil. Bacamarte não fica na Europa porque sabe-se brasileiro ("Itaguaí é meu universo"). No entanto, não se mistura com o povo da cidade, o povo brasileiro: paira acima de tudo e de todos.

"E como sucede em tais casos, nem eram aceitos pelos europeus, como europeus, nem pelos brasileiros mestiços, ou seja, os primeiros brasileiros autênticos, como brasileiros. Esse tipo cultural, dúbio, ambivalente, nem peixe nem carne, acabou por criar nestas terras novas da América algo de congenitamente inautêntico, de congenitamente caduco, na cultura americana" (TEIXEIRA, Anísio p.9)

Esse personagem-tipo confunde-se a si mesmo com a ciência (= conhecimento) brasileira. E declara que pretende estudar o "recanto psíquico". Mais uma vez fugiremos da interpretação literal. Aqui não tomaremos o par loucura/normalidade, tão presente nos estudos contemporâneos a Machado de Assis. Para nós, o estudo do "recanto psíquico" se constituirá na busca de compreender o caráter brasileiro; em suma, "a questão do livro é saber o que faz o Brasil, Brasil", "os caminhos que tornam a sociedade brasileira diferente e única" (DA MATTA, p. 15). Nesse sentido, Bacamarte é o primeiro de todos que quiseram estudar o dilema brasileiro, uma vez que "não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada" (*O Alienista*, p. 12). Mas Bacamarte fará tudo isso tendo como referencial a cultura européia na qual estrutura sua maneira de pensar. Tivesse ele lido *Macunaíma* e saberia que "a civilização européia de certo esculhamba a inteireza de nosso caráter" (*Macunaíma*, p. 90).



Quando iniciamos este trabalho, dividimo-lo em duas partes: a primeira, na qual, a partir do estudo sistemático que fizemos do livro *Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio* (selecionamos da obra todos os momentos em que o autor se refere a "O Alienista"), discutíamos esse conto de Machado de Assis à luz das análises de Raymundo FAORO; e a segunda, na qual, tendo como referência o estudo de Roberto Da MATTA (*Carnavais, Malandros e Heróis*), fazíamos um contraponto entre, de um lado, os "heróis brasileiros" - Macunaíma, protótipo de malandro, e Augusto Matraga, protótipo de renunciador - e, de outro, o Alienista, Dr. Simão Bacamarte.

Mudamos, no entanto, nosso intento inicial e aqui apresentamos um trabalho único, inteiriço. Para tanto, fizemos uso de todo o material apresentado acima e, como participamos dos seminários do Professor E. Diatáhy B. de Menezes, ouvimos por bem acrescentar em nossa análise as obras aí examinadas. Assim, trata-se aqui de um estudo de *O Alienista* tendo como referência teórica não apenas Raymundo Faoro (op. cit.), Mário de Andrade (*Macunaíma*) e Roberto Da Matta (op. cit.), mas também Roger Bastide (*Brasil, Terra de Contrastes*), Richard Morse (*O Espelho de Próspero*) e Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*).

## 1 A CASA VERDE

Nas primeiras linhas de *O Alienista*, o leitor é, de imediato, afastado de seu momento presente, empurrado para um tempo distante, não claramente definido, que o autor chama de "tempos remotos". O tom da narrativa, em terceira pessoa, baseada nas "crônicas da vila", reforça essa sensação de distanciamento. Mais adiante, ainda no mesmo primeiro parágrafo, o leitor intuirá que se trata do período colonial brasileiro.

Tal procedimento não é o usual da obra de Machado de Assis, quase sempre preocupado em retratar, não o passado brasileiro, mas o presente no qual viveu. "A obra de Machado de Assis reflete o brilho do Império em vias de terminar: a passagem das festas da rua para as festas dos salões; a ascensão social do bacharel e do mestiço; as amizades nascidas dos encontros fortuitos ou dos acasos da vizinhança; as fortunas que se fazem e se desfazem facilmente." (BASTIDE, p.222).

Na análise de Raymundo Faoro, os "tempos remotos" são literalmente o período colonial brasileiro. No seu livro *A Pirâmide e o Trapézio*, Faoro desvenda a obra de Machado de Assis, mostrando como se estrutura a sociedade do Segundo Reinado, caracterizada pelo "encontro de dois mundos, o mundo que se despede" (o mundo dos estamentos) "e o mundo que chega" (o mundo das classes sociais) (FAORO, p. 15). Assim, Faoro utiliza *O Alienista* para contrapor a estrutura social, em transição, do Segundo Império, com a estrutura nitidamente estamental do período colonial brasileiro.

Na nossa análise, no entanto, não vamos seguir o caminho trilhado por Faoro. Do nosso ponto de vista, Machado utiliza o artifício do distanciamento para que sejamos obrigados a nos afastar de nós mesmos e possamos nos perceber de longe, tal qual nós somos. Ao "destemporalizar" o leitor, é como se Machado soubesse que "mesmo numa sociedade historicamente determinada, (na qual o eixo temporal é sempre posto em primeiro lugar) podem-se encontrar valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar acima do tempo." (DA MATTA, p. 22). No fundo, portanto, o que Machado tenta fazer no conto é buscar compreender os "domínios a-históricos" do povo brasileiro, ou seja, "suas regiões sociais vividas e concebidas como invariantes" (DA MATTA, p. 25).

Uma vez distanciados no tempo, somos levados a travar conhecimento com o personagem principal, o Doutor Simão Bacamarte, em torno do qual (e por causa do qual) irá desenrolar-se toda a história. Filho da nobreza da terra, estudara em Portugal. Não fica, no entanto, na Europa: retorna ao Brasil porque sabe que o Brasil é o seu universo.

Pelo exagero de sua caracterização, o Dr. Simão Bacamarte é muito mais um "tipo" que uma personagem. Como "tipo", simboliza o intelectual brasileiro, trazendo em si a dualidade característica do intelectual brasileiro: nascido no Brasil, sua formação cultural é européia: ou por ter morado na Europa - como é o caso do Dr. Bacamarte - ou por sofrer influência da cultura européia. Carregado dessa duplicidade, o intelectual brasileiro sente-se brasileiro na Europa e europeu no Brasil. Bacamarte não fica na Europa porque sabe-se brasileiro ("Itaguaí é meu universo"). No entanto, não se mistura com o povo da cidade, o povo brasileiro: paira acima de tudo e de todos.

"E como sucede em tais casos, nem eram aceitos pelos europeus, como europeus, nem pelos brasileiros mestiços, ou seja, os primeiros brasileiros autênticos, como brasileiros. Esse tipo cultural, dúbio, ambivalente, nem peixe nem carne, acabou por criar nestas terras novas da América algo de congenitamente inautêntico, de congenitamente caduco, na cultura americana" (TEIXEIRA, Anísio p.9)

Esse personagem-tipo confunde-se a si mesmo com a ciência (= conhecimento) brasileira. E declara que pretende estudar o "recanto psíquico". Mais uma vez fugiremos da interpretação literal. Aqui não tomaremos o par loucura/normalidade, tão presente nos estudos contemporâneos a Machado de Assis. Para nós, o estudo do "recanto psíquico" se constituirá na busca de compreender o caráter brasileiro; em suma, "a questão do livro é saber o que faz o Brasil, Brasil", "os caminhos que tornam a sociedade brasileira diferente e única" (DA MATTA, p. 15). Nesse sentido, Bacamarte é o primeiro de todos que quiseram estudar o dilema brasileiro, uma vez que "não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada" (*O Alienista*, p. 12). Mas Bacamarte fará tudo isso tendo como referencial a cultura européia na qual estrutura sua maneira de pensar. Tivesse ele lido *Macunaíma* e saberia que "a civilização européia de certo esculhamba a inteireza de nosso caráter" (*Macunaíma*, p. 90).



A título de curiosidade, baseando-nos na análise que Da Matta fez do nome de Augusto Matraga, lembramos que o nome do personagem principal evidencia por si só a duplicidade de seu caráter: Simão Bacamarte, o nome recebido no Brasil, e Doutor, o Título trazido da Europa. Simão é o primeiro nome de Pedro que, na história bíblica, é o apóstolo-mor que se consagrou pelo caminho da renúncia. Bacamarte é a arma-símbolo, instrumento do império do banditismo, dos jagunços e cangaceiros. Simão Bacamarte é, a um tempo só, a reunião de dois heróis brasileiros: Simão, o "renunciador" e bacamarte, o "vingador social". Em contrapartida, Doutor, o título recebido na Europa, é o símbolo da cultura européia, apenas recebido depois que esta "fez a cabeça" do intelectual brasileiro: O "Doutor Simão Bacamarte".

Pode-se, portanto, dizer que o primeiro capítulo é um capítulo de apresentações. Além do tempo, do personagem-tipo e de seu objetivo ("o recanto psíquico"), um quarto elemento é introduzido no primeiro capítulo: "A Casa Verde". Embora o país se chame Brasil (de brasa e, portanto, vermelho) ele é reconhecido internacionalmente como "A Casa Verde", o país das matas, o país exótico, o país tropical. Da bandeira nacional ao Zé Carioca, (personagem verde, escolhido por Walt Disney como o símbolo brasileiro), passando pela papagaiada real que acompanha o Imperador da Mata-Virgem - Macunaima - em todo seu trajeto e chegando a ECO-92, o grande encontro internacional para discutir o verde, que foi sediado no Brasil, o verde (algumas vezes associado ao amarelo) tem sido a cor-símbolo para representar o Brasil. "A Casa Verde foi o nome dado ao país" por alusão à cor das janelas" (*O Alienista*, p. 14) que apareciam exuberantemente verdes quando os colonizadores europeus por aqui aportaram. Assim, do nosso ponto de vista, a Casa Verde é a expressão simbólica do Brasil aos olhos europeus, elemento de fundo que referenda toda a obra.

## 2 TORRENTES DE LOUCOS

No primeiro capítulo do conto, travamos contato com os quatro elementos básicos que nortearão os rumos da narrativa: tempo (a destemporalização, o tempo remoto, distante); personagem principal (o Doutor Simão Bacamarte, o intelectual brasileiro); seu objetivo (o conhecimento do recanto psíquico) e o universo a ser estudado (a Casa Verde). Assim, ficamos sabendo que a narrativa se centrará em torno de um intelectual brasileiro, o Doutor Simão Bacamarte, que, delimitando seu universo, seu campo de estudo, a Casa Verde, o Brasil, busca conhecer seu recanto psíquico, seus valores, suas relações, seus grupos sociais e suas ideologias, tomados como elementos invariantes, a-históricos, sem levar em conta o eixo temporal.

Nos capítulos II, III, IV e V, vamos paulatinamente travando conhecimento com as "loucuras", manias e valores do povo brasileiro. Bacamarte vai recrutando os casos mais típicos e vai observando-os, na tentativa de elaborar

uma teoria do Brasil. Os "loucos por amor" (*O Alienista*, p. 16) e os crimes por ciúme: na realidade, paixão e sensualidade são características básicas da alma do brasileiro. A "mania das grandezas" (ibid., p. 16), mania esta que já começa pelo próprio hino nacional: "gigante pela própria natureza." A "monomania religiosa" (ibid., p. 16) de "um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia-se agora ser o deus João" ou de tantos outros sujeitos chamados Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Frei Damião, Beato José Lourenço e outros beatos, pagadores de promessa, penitentes e romeiros. A "vocação das cortesias" (ibid., p. 32), magistralmente estudada por Sérgio Buarque de Holanda e que deu origem a sua síntese-tipo da personalidade do brasileiro: "o homem cordial". O gosto pela oratória pomposa e vazia que leva Martim Brito a declarar que "Deus quis vencer a Deus e criou D. Evarista" (ibid., p. 31) ou que levou Dias Gomes a criar a personagem-síntese do político brasileiro: Odorico Paraguaçu, que reclama da "deverasmente contristante ingratidão dessa gente".

Assim, aos poucos, vai-se evidenciando claramente a formação de dois pólos: de um lado, a sociedade brasileira e, de outro, o alienista. A divergência entre esses dois pólos situa-se na maneira como o mundo é concebido: para o alienista, o mundo é "desencantado, no sentido weberiano" (MORSE, p. 137) e para a sociedade brasileira, o mundo existente é "ainda encantado" (MORSE, p. 137). Assim, na sociedade brasileira, não existe a "razão" estilo "intelectualização objetiva", uma vez que a "Ibero-América não chegou a internalizar completamente. A explicação é que... o mundo ibérico rejeitou as implicações últimas da revolução religiosa e da científica e, portanto, não pode experimentar plenamente seus resultados lógicos na forma do utilitarismo e seu subordinado individualismo, que estão implantados como marca-passos na mente coletiva do resto do Ocidente." (MORSE, Richard p. 134).

(Abrimos aqui um parêntese para um breve comentário. Segundo Morse, "a literatura é que ilustra melhor o fato (de) que a Ibero-América, mesmo no seu setor moderno ou burguês, não é toda presa ao 'desencanto' ocidental." Para ele, somente os escritores modernos perceberam que "seu próprio mundo diferia de Paris e Nova York por ainda não estar desencantado". No entanto, "Machado de Assis visto décadas atrás, que para eles o positivismo e o naturalismo não culminariam na ilha deserta de T. S. Eliot, porque, para o bem ou para o mal, o cientificismo e a servidão psíquica não haviam alcançado um domínio total em seu mundo". (MORSE, p. 135).

Nesses capítulos temos, portanto, uma polarização nítida entre duas visões de mundo: a visão desencantada do alienista e a visão ainda encantada da sociedade brasileira. Para o Alienista, "a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades" (*O Alienista*, p. 23). "Homem de ciência, e só de ciência" (idem, p. 20) não consegue compreender, como "normais", estórias e explicações que pertencem ao imaginário social brasileiro.

Vejamos um exemplo: a prima do Costa. Costa, "um dos cidadãos mais estimados em Itaguaí" herdara uma fortuna "cuja renda bastava... para viver até o fim do mundo." No entanto, em menos de cinco anos, por não saber administrar sua



A título de curiosidade, baseando-nos na análise que Da Matta fez do nome de Augusto Matraga, lembramos que o nome do personagem principal evidencia por si só a duplicidade de seu caráter: Simão Bacamarte, o nome recebido no Brasil, e Doutor, o Título trazido da Europa. Simão é o primeiro nome de Pedro que, na história bíblica, é o apóstolo-mor que se consagrou pelo caminho da renúncia. Bacamarte é a arma-símbolo, instrumento do império do banditismo, dos jagunços e cangaceiros. Simão Bacamarte é, a um tempo só, a reunião de dois heróis brasileiros: Simão, o "renunciador" e bacamarte, o "vingador social". Em contrapartida, Doutor, o título recebido na Europa, é o símbolo da cultura européia, apenas recebido depois que esta "fez a cabeça" do intelectual brasileiro: O "Doutor Simão Bacamarte".

Pode-se, portanto, dizer que o primeiro capítulo é um capítulo de apresentações. Além do tempo, do personagem-tipo e de seu objetivo ("o recanto psíquico"), um quarto elemento é introduzido no primeiro capítulo: "A Casa Verde". Embora o país se chame Brasil (de brasa e, portanto, vermelho) ele é reconhecido internacionalmente como "A Casa Verde", o país das matas, o país exótico, o país tropical. Da bandeira nacional ao Zé Carioca, (personagem verde, escolhido por Walt Disney como o símbolo brasileiro), passando pela papagaiada real que acompanha o Imperador da Mata-Virgem - Macunaima - em todo seu trajeto e chegando a ECO-92, o grande encontro internacional para discutir o verde, que foi sediado no Brasil, o verde (algumas vezes associado ao amarelo) tem sido a cor-símbolo para representar o Brasil. "A Casa Verde foi o nome dado ao país" por alusão à cor das janelas" (*O Alienista*, p. 14) que apareciam exuberantemente verdes quando os colonizadores europeus por aqui aportaram. Assim, do nosso ponto de vista, a Casa Verde é a expressão simbólica do Brasil aos olhos europeus, elemento de fundo que referenda toda a obra.

## 2 TORRENTES DE LOUCOS

No primeiro capítulo do conto, travamos contato com os quatro elementos básicos que nortearão os rumos da narrativa: tempo (a destemporalização, o tempo remoto, distante); personagem principal (o Doutor Simão Bacamarte, o intelectual brasileiro); seu objetivo (o conhecimento do recanto psíquico) e o universo a ser estudado (a Casa Verde). Assim, ficamos sabendo que a narrativa se centrará em torno de um intelectual brasileiro, o Doutor Simão Bacamarte, que, delimitando seu universo, seu campo de estudo, a Casa Verde, o Brasil, busca conhecer seu recanto psíquico, seus valores, suas relações, seus grupos sociais e suas ideologias, tomados como elementos invariantes, a-históricos, sem levar em conta o eixo temporal.

Nos capítulos II, III, IV e V, vamos paulatinamente travando conhecimento com as "loucuras", manias e valores do povo brasileiro. Bacamarte vai recrutando os casos mais típicos e vai observando-os, na tentativa de elaborar

uma teoria do Brasil. Os "loucos por amor" (*O Alienista*, p. 16) e os crimes por ciúme: na realidade, paixão e sensualidade são características básicas da alma do brasileiro. A "mania das grandezas" (ibid., p. 16), mania esta que já começa pelo próprio hino nacional: "gigante pela própria natureza." A "monomania religiosa" (ibid., p. 16) de "um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia-se agora ser o deus João" ou de tantos outros sujeitos chamados Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Frei Damião, Beato José Lourenço e outros beatos, pagadores de promessa, penitentes e romeiros. A "vocação das cortesias" (ibid., p. 32), magistralmente estudada por Sérgio Buarque de Holanda e que deu origem a sua síntese-tipo da personalidade do brasileiro: "o homem cordial". O gosto pela oratória pomposa e vazia que leva Martim Brito a declarar que "Deus quis vencer a Deus e criou D. Evarista" (ibid., p. 31) ou que levou Dias Gomes a criar a personagem-síntese do político brasileiro: Odorico Paraguaçu, que reclama da "deverasmente contristante ingratidão dessa gente".

Assim, aos poucos, vai-se evidenciando claramente a formação de dois pólos: de um lado, a sociedade brasileira e, de outro, o alienista. A divergência entre esses dois pólos situa-se na maneira como o mundo é concebido: para o alienista, o mundo é "desencantado, no sentido weberiano" (MORSE, p. 137) e para a sociedade brasileira, o mundo existente é "ainda encantado" (MORSE, p. 137). Assim, na sociedade brasileira, não existe a "razão" estilo "intelectualização objetiva", uma vez que a "Ibero-América não chegou a internalizar completamente. A explicação é que... o mundo ibérico rejeitou as implicações últimas da revolução religiosa e da científica e, portanto, não pode experimentar plenamente seus resultados lógicos na forma do utilitarismo e seu subordinado individualismo, que estão implantados como marca-passos na mente coletiva do resto do Ocidente." (MORSE, Richard p. 134).

(Abrimos aqui um parêntese para um breve comentário. Segundo Morse, "a literatura é que ilustra melhor o fato (de) que a Ibero-América, mesmo no seu setor moderno ou burguês, não é toda presa ao 'desencanto' ocidental." Para ele, somente os escritores modernos perceberam que "seu próprio mundo diferia de Paris e Nova York por ainda não estar desencantado". No entanto, "Machado de Assis tinha visto décadas atrás, que para eles o positivismo e o naturalismo não culminariam na ilha deserta de T. S. Eliot, porque, para o bem ou para o mal, o cientificismo e a servidão psíquica não haviam alcançado um domínio total em seu mundo". (MORSE, p. 135).

Nesses capítulos temos, portanto, uma polarização nítida entre duas visões de mundo: a visão desencantada do alienista e a visão ainda encantada da sociedade brasileira. Para o Alienista, "a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades" (*O Alienista*, p. 23). "Homem de ciência, e só de ciência" (idem, p. 20) não consegue compreender, como "normais", estórias e explicações que pertencem ao imaginário social brasileiro.

Vejamos um exemplo: a prima do Costa. Costa, "um dos cidadãos mais estimados em Itaguaí" herdara uma fortuna "cuja renda bastava... para viver até o fim do mundo." No entanto, em menos de cinco anos, por não saber administrar sua



fortuna, Costa retorna à miséria. Por seu comportamento não-racional, anti-econômico, Costa é "recolhido à Casa Verde" (*O Alienista*, p. 24-25).

A cidade inteira fica consternada. A prima do Costa decide interceder por ele, explicando que o Costa estava em perfeito gozo das suas faculdades mentais e que a razão da dissipação da fortuna estava numa praga que havia sido jogada contra seu tio. E explica para o Dr. Bacamarte:

"O defunto do meu tio não era um mau homem; mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao Santíssimo.... Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para ele, abriu a mão em ar de ameaça e rogou esta praga: Todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isto ser o sino salamão! E mostrou o sino salamão impresso no braço. Foi isto, meu senhor, foi esta praga daquele maldito". (*O Alienista*, p. 26).

A explicação que, conforme já dissemos, faz parte do imaginário social brasileiro, horroriza Bacamarte que a interna na galeria dos alucinados. No entanto, a explicação dada nada mais é que uma prova da visão encantada ainda existente na sociedade brasileira. Para Bacamarte ou para a "lógica do mais puro poder ou das leis do comércio e da indústria.... essas histórias não passam de 'bobagens' e 'tolices', meras expressões e reflexos de uma sociedade que se compraz em fugir de si mesma" (DAMATTA, p. 256).

O mesmo exemplo pode ser extrapolado para o "licenciado Garcia, que não dizia nada porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despregariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus". (*O Alienista*, p. 17).

Para sintetizar, podemos dizer que, entre os capítulos II e VI, Simão Bacamarte vê-se às voltas com "torrentes" de loucos. Tenta sistematizar, classificar, ordenar, criar uma teoria. Para ele, portanto, os brasileiros são "loucos", ou seja, não agem de acordo com os padrões da normalidade, atributos da razão desencantada, no sentido weberiano do termo.

### 3 A REBELIÃO

Até este ponto da estória, a narrativa esteve concentrada no Doutor Simão Bacamarte e em seu objetivo de trabalho: a busca de uma teoria para compreender o recanto psíquico brasileiro. Simão Bacamarte representa a razão desencantada. Pode-se ainda deduzir do texto, que personagem principal e razão desencantada encontram-se totalmente imbricados: Bacamarte comporta-se, pensa, fala e é de acordo com sua visão desencantada do mundo. O Doutor Simão Bacamarte internaliza, portanto o ponto extremo a que chegou a razão resultante do "longo processo de desencantamento do mundo" (Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*).

Até este ponto da estória, dizíamos, a narrativa centra-se em Simão Bacamarte e o povo da cidade aparece sempre em segundo plano, surgindo em função das experiências e observações do Doutor. Dessa maneira, cada personagem entra em foco, relacionando-se diretamente com o Doutor: ora são relações pessoais. Crispim Soares, Dona Evarista; ora são "objetos" de trabalho, o Costa, a prima do Costa, o albardeiro, etc.

Neste momento da narrativa, capítulo VI (A Rebelião) e nos capítulos seguintes (VII, VIII e IX) ocorre uma inversão: passando a ocupar o primeiro plano da estória, o povo aparece com voz e vez. É "sua vez e sua hora" de rebelar-se contra "o despotismo científico" e recusar a se enquadrar em alguma teoria científica.

Canjica, por exemplo, é a própria imagem da "metamorfose ambulante", emblema de uma pais contraditório, difícil de ser teorizado. Personagem do povo, barbeiro de profissão, Porfírio lucrava e enriquecia com o rápido povoamento da Casa Verde. No entanto, larga seus interesses pessoais e dedica-se à causa coletiva. Vitorioso, assume a Câmara. Em vez de derrubar a Casa Verde e deportar o Alienista, o barbeiro trai a causa pública e propõe acordo com Simão Bacamarte, que fica surpreso com sua "duplicidade e descaramento" (Diga-se de passagem é um dos raros momentos em que o alienista se permite uma leitura pública de seus sentimentos: "o alienista mal podia dissimular o assombro" (p. 44). Nesse momento, o Canjica é a própria imagem de "nossos revolucionários de ontem, que são os libertadores de hoje e serão.... os reacionários de amanhã" (DAMATTA, p. 14).

Mas o barbeiro não fica por aí. Surpreende mais uma vez. Convocado pelos principais da vila, num momento posterior à restauração, o barbeiro, que antes havia procedido com duplicidade e descaramento, revela agora total integridade de caráter: além de não aceitar "o suborno" dos principais, reconhece o erro e quer seguir à risca a legalidade. E mais: dá uma lição de moral aos principais da vila ao afirmar que "jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso" (*O Alienista*, p. 56).

Além de personagens "mutantes", como o barbeiro, que agora surgem em primeiro plano e criam dificuldades nas teorizações do alienista, também o "povo" estudado por Simão Bacamarte não se apresenta como um todo homogêneo: tem divisões internas que o tornam difícil de teorizar. Divisões de classe (ou de estamento) que opõe, de um lado, o povo, comandado pelo barbeiro, e, de outro, os principais da cidade e os vereadores da câmara. Divisões que não são de classe, como o barbeiro João Pina, que derruba o barbeiro Porfírio, assume "a difícil tarefa do governo" (idem, p. 47) e depois é perdoado porque "ladrão que furta ladrão tem cem anos de perdão" (ibid., p. 52). Divisões que também não são de classe, mas que ora se apresentam como



fortuna, Costa retorna à miséria. Por seu comportamento não-racional, anti-econômico, Costa é "recolhido à Casa Verde" (*O Alienista*, p. 24-25).

A cidade inteira fica consternada. A prima do Costa decide interceder por ele, explicando que o Costa estava em perfeito gozo das suas faculdades mentais e que a razão da dissipação da fortuna estava numa praga que havia sido jogada contra seu tio. E explica para o Dr. Bacamarte:

"O defunto do meu tio não era um mau homem; mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao Santíssimo.... Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para ele, abriu a mão em ar de ameaça e rogou esta praga: Todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isto ser o sino salamão! E mostrou o sino salamão impresso no braço. Foi isto, meu senhor, foi esta praga daquele maldito". (*O Alienista*, p. 26).

A explicação que, conforme já dissemos, faz parte do imaginário social brasileiro, horroriza Bacamarte que a interna na galeria dos alucinados. No entanto, a explicação dada nada mais é que uma prova da visão encantada ainda existente na sociedade brasileira. Para Bacamarte ou para a "lógica do mais puro poder ou das leis do comércio e da indústria.... essas histórias não passam de 'bobagens' e 'tolices', meras expressões e reflexos de uma sociedade que se compraz em fugir de si mesma" (DAMATTA, p. 256).

O mesmo exemplo pode ser extrapolado para o "licenciado Garcia, que não dizia nada porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despregariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus". (*O Alienista*, p. 17).

Para sintetizar, podemos dizer que, entre os capítulos II e VI, Simão Bacamarte vê-se às voltas com "torrentes" de loucos. Tenta sistematizar, classificar, ordenar, criar uma teoria. Para ele, portanto, os brasileiros são "loucos", ou seja, não agem de acordo com os padrões da normalidade, atributos da razão desencantada, no sentido weberiano do termo.

### 3 A REBELIÃO

Até este ponto da estória, a narrativa esteve concentrada no Doutor Simão Bacamarte e em seu objetivo de trabalho: a busca de uma teoria para compreender o recanto psíquico brasileiro. Simão Bacamarte representa a razão desencantada. Pode-se ainda deduzir do texto, que personagem principal e razão desencantada encontram-se totalmente imbricados: Bacamarte comporta-se, pensa, fala e é de acordo com sua visão desencantada do mundo. O Doutor Simão Bacamarte internaliza, portanto o ponto extremo a que chegou a razão resultante do "longo processo de desencantamento do mundo" (Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*).

Até este ponto da estória, dizíamos, a narrativa centra-se em Simão Bacamarte e o povo da cidade aparece sempre em segundo plano, surgindo em função das experiências e observações do Doutor. Dessa maneira, cada personagem entra em foco, relacionando-se diretamente com o Doutor: ora são relações pessoais. Crispim Soares, Dona Evarista; ora são "objetos" de trabalho, o Costa, a prima do Costa, o albardeiro, etc.

Neste momento da narrativa, capítulo VI (A Rebelião) e nos capítulos seguintes (VII, VIII e IX) ocorre uma inversão: passando a ocupar o primeiro plano da estória, o povo aparece com voz e vez. É "sua vez e sua hora" de rebelar-se contra "o despotismo científico" e recusar a se enquadrar em alguma teoria científica.

Canjica, por exemplo, é a própria imagem da "metamorfose ambulante", emblema de uma país contraditório, difícil de ser teorizado. Personagem do povo, barbeiro de profissão, Porfírio lucrava e enriquecia com o rápido povoamento da Casa Verde. No entanto, larga seus interesses pessoais e dedica-se à causa coletiva. Vitorioso, assume a Câmara. Em vez de derrubar a Casa Verde e deportar o Alienista, o barbeiro trai a causa pública e propõe acordo com Simão Bacamarte, que fica surpreso com sua "duplicidade e descaramento" (Diga-se de passagem é um dos raros momentos em que o alienista se permite uma leitura pública de seus sentimentos: "o alienista mal podia dissimular o assombro" (p. 44). Nesse momento, o Canjica é a própria imagem de "nossos revolucionários de ontem, que são os libertadores de hoje e serão.... os reacionários de amanhã" (DAMATTA, p. 14).

Mas o barbeiro não fica por aí. Surpreende mais uma vez. Convocado pelos principais da vila, num momento posterior à restauração, o barbeiro, que antes havia procedido com duplicidade e descaramento, revela agora total integridade de caráter: além de não aceitar "o suborno" dos principais, reconhece o erro e quer seguir à risca a legalidade. E mais: dá uma lição de moral aos principais da vila ao afirmar que "jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso" (*O Alienista*, p. 56).

Além de personagens "mutantes", como o barbeiro, que agora surgem em primeiro plano e criam dificuldades nas teorizações do alienista, também o "povo" estudado por Simão Bacamarte não se apresenta como um todo homogêneo: tem divisões internas que o tornam difícil de teorizar. Divisões de classe (ou de estamento) que opõe, de um lado, o povo, comandado pelo barbeiro, e, de outro, os principais da cidade e os vereadores da câmara. Divisões que não são de classe, como o barbeiro João Pina, que derruba o barbeiro Porfírio, assume "a difícil tarefa do governo" (idem, p. 47) e depois é perdoado porque "ladrão que furta ladrão tem cem anos de perdão" (ibid., p. 52). Divisões que também não são de classe, mas que ora se apresentam como



divisões, ora como cooptações, como é o caso da força pública (os dragões). Num primeiro momento, a força pública aparece para dispersar o movimento "mandando carregar sobre os canjicas" (ibid., p. 39). Num segundo momento, aparentemente sem razão - pois "as crônicas não o declaram" (ibid., p. 40) - passam da legalidade para o lado dos canjicas. Há ainda as aparentes ligações que não se sabe ao certo se são ligações ou divisões. É o caso da relação barbeiro-padre. O barbeiro teme que o padre esteja do lado contrário ao seu movimento. O padre tem uma posição dúbia: não está do lado oposto porque não existe lado oposto. ("Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?" (ibid., p. 42).

Além do mais, alguns dados que antes apareciam certos e seguros, nesse momento adquirem uma nova face. Vejamos um exemplo: falávamos, no tópico anterior, sobre o gosto da oratória pomposa e vazia de sentido. Aqui a Retórica ganha força, deixa de ser vazia e pomposa e é capaz de conduzir a rebelião. "A retórica abre todos os caminhos: convence, muda a realidade, é o cerne da opinião" (FAORO, p. 178). Assim, "o ilustre Porfírio, chefe da rebelião dos Canjicas, compara o hospício de Simão Bacamarte à Bastilha - "essa Bastilha da razão humana". Foi o bastante para conquistar um membro do Senado da Câmara....." um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde - 'Bastilha da Razão humana' - achou-a tão elegante, que mudou de parecer" (FAORO, p. 178).

O barbeiro Porfírio sabe que "no fundo da retórica há a frase",... possuidora de "eficácia para mover os ânimos" e de força para moldar a opinião" (FAORO, p. 177). Assim, quando a rebelião ameaça perder o seu furor devido à reação do alienista, o barbeiro contém o impulso de indignação de chamar a horda de "canalhas" e "covardes" e, consciente do valor da frase, sai-se com esta:

"Meus amigos, lutemos até o fim! A Salvação de Itaguaí está em vossas mãos dignas e heróicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morreréis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno". (*O Alienista*, p. 38). É o suficiente para que a rebelião volte.

Citemos, ainda, um outro exemplo que abala as convicções citadas no tópico anterior. Dizíamos que o brasileiro se comporta conforme uma visão ainda encantada do mundo. Aqui, no entanto, Porfírio reconhece a sociedade burocratizada, desencantada, onde cada coisa tem seu lugar. Sabe que o governo é uma instituição que trata de política, "que não está no ânimo do governo eliminar a loucura" (*O Alienista*, p. 45). "Reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com posturas as questões científicas". (idem, p. 44).

Enfim, é dessa maneira que, nesse momento da narrativa, o povo brasileiro ocupa o primeiro plano, mostrando-se por inteiro. A existência de personagens "mutantes", as divisões internas do que antes parecia um todo

homogêneo e as mudanças de dados que antes pareciam tão certos, desconcertam as teorizações do alienista. Poderíamos dizer que a realidade, muito mais complexa que os olhos do laboratorista poderiam supor, se rebela: momento de rebelião, de recusa a enquadrar-se em alguma teoria.

#### 4 LOUCOS OU SÃOS ?

Os capítulos X, XI, e XII marcam a restauração, o restabelecimento da ordem. E restabelecer a ordem significa pôr novamente o povo em segundo plano e o alienista em primeiro plano. Finda a rebelião, retornamos aos dados iniciais: temos de novo um alienista que busca cientificamente conhecer as "loucuras", manias e valores - ou seja, o recanto psíquico - do povo da Casa Verde, o povo brasileiro.

Muito embora a ordem esteja novamente restabelecida e o alienista neste momento exerça o seu "grau máximo de influência" (*O Alienista*, p. 47), nem tudo voltou a ser exatamente como era antes. Nestes capítulos, o alienista já não é tão claro quanto era antes. Tem dificuldade em estabelecer uma teoria, passando de um extremo ao outro. Coloca-se perguntas do tipo "Que país é este?" Que sociedade é esta "tão rica em leis e decretos racionais, mas que espera pelo seu D. Sebastião, o velho e ibérico pai de todos os renunciadores e messias?" (DA MATTA, p. 14).

O Alienista retorna, pois, ao seu trabalho. Necessitando estabelecer sua teoria, passará de um extremo a outro. O primeiro extremo é a continuação do que já vinha fazendo antes, só que, desta vez, sua teoria vai aos poucos adquirindo um caráter universalizante. Dissemos, no tópico II deste trabalho, **Torrentes de loucos**, que o alienista ia colecionando "loucuras" e manias do povo brasileiro para estabelecer uma teoria do Brasil. "Loucuras" e manias do tipo: "*Loucos por amor*", "*mania das grandezas*", "*gosto pela oratória pomposa e vazia*", etc. Naquele momento, o alienista preocupava-se com o específico da cultura brasileira. Neste momento, o específico vai adquirindo ares de universal. "Tudo era loucura" (*O Alienista*, p. 48). Os "*loucos por amor*" viram toda e qualquer "*namoradeira*" (idem, p. 48) porque "cediam... a um vício" (ib. p. 48). A "*mania das grandezas*" torna-se o "*furor das sedas*", veludos, rendas e pedras preciosas. O "*gosto pela oratória pomposa e vazia*" transforma-se na "*extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador*" (ib., p. 47).

Assim, as novas manias coletadas pelo alienista ("*namoradeira*", "*furor das sedas*", "*inconsistência de opiniões*") possuem um caráter universalizante. Não são específicos do povo brasileiro mas pertencem a toda a civilização ocidental. Portanto, depois de coletar mais de "quatro quintos" (ib., p. 50) das manias e "loucuras" do povo brasileiro, o alienista percebe que elas já não são específicas da cultura brasileira. Ao contrário. São "loucuras" tão universalizantes



divisões, ora como cooptações, como é o caso da força pública (os dragões). Num primeiro momento, a força pública aparece para dispersar o movimento "mandando carregar sobre os canjicas" (ibid., p. 39). Num segundo momento, aparentemente sem razão - pois "as crônicas não o declaram" (ibid., p. 40) - passam da legalidade para o lado dos canjicas. Há ainda as aparentes ligações que não se sabe ao certo se são ligações ou divisões. É o caso da relação barbeiro-padre. O barbeiro teme que o padre esteja do lado contrário ao seu movimento. O padre tem uma posição dúbia: não está do lado oposto porque não existe lado oposto. ("Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?" (ibid., p. 42).

Além do mais, alguns dados que antes apareciam certos e seguros, nesse momento adquirem uma nova face. Vejamos um exemplo: falávamos, no tópico anterior, sobre o gosto da oratória pomposa e vazia de sentido. Aqui a Retórica ganha força, deixa de ser vazia e pomposa e é capaz de conduzir a rebelião. "A retórica abre todos os caminhos: convence, muda a realidade, é o cerne da opinião" (FAORO, p. 178). Assim, "o ilustre Porfírio, chefe da rebelião dos Canjicas, compara o hospício de Simão Bacamarte à Bastilha - "essa Bastilha da razão humana". Foi o bastante para conquistar um membro do Senado da Câmara....." um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde - 'Bastilha da Razão humana' - achou-a tão elegante, que mudou de parecer" (FAORO, p. 178).

O barbeiro Porfírio sabe que "no fundo da retórica há a frase",... possuidora de "eficácia para mover os ânimos" e de força para moldar a opinião" (FAORO, p. 177). Assim, quando a rebelião ameaça perder o seu furor devido à reação do alienista, o barbeiro contém o impulso de indignação de chamar a horda de "canalhas" e "covardes" e, consciente do valor da frase, sai-se com esta:

"Meus amigos, lutemos até o fim! A Salvação de Itaguaí está em vossas mãos dignas e heróicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno". (*O Alienista*, p. 38). É o suficiente para que a rebelião volte.

Citemos, ainda, um outro exemplo que abala as convicções citadas no tópico anterior. Dizíamos que o brasileiro se comporta conforme uma visão ainda encantada do mundo. Aqui, no entanto, Porfírio reconhece a sociedade burocratizada, desencantada, onde cada coisa tem seu lugar. Sabe que o governo é uma instituição que trata de política, "que não está no ânimo do governo eliminar a loucura" (*O Alienista*, p. 45). "Reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com posturas as questões científicas". (idem, p. 44).

Enfim, é dessa maneira que, nesse momento da narrativa, o povo brasileiro ocupa o primeiro plano, mostrando-se por inteiro. A existência de personagens "mutantes", as divisões internas do que antes parecia um todo

homogêneo e as mudanças de dados que antes pareciam tão certos, desconcertam as teorizações do alienista. Poderíamos dizer que a realidade, muito mais complexa que os olhos do laboratorista poderiam supor, se rebela: momento de rebelião, de recusa a enquadrar-se em alguma teoria.

#### 4 LOUCOS OU SÃOS ?

Os capítulos X, XI, e XII marcam a restauração, o restabelecimento da ordem. E restabelecer a ordem significa pôr novamente o povo em segundo plano e o alienista em primeiro plano. Finda a rebelião, retornamos aos dados iniciais: temos de novo um alienista que busca cientificamente conhecer as "loucuras", manias e valores - ou seja, o recanto psíquico - do povo da Casa Verde, do povo brasileiro.

Muito embora a ordem esteja novamente restabelecida e o alienista neste momento exerça o seu "grau máximo de influência" (*O Alienista*, p. 47), nem tudo voltou a ser exatamente como era antes. Nestes capítulos, o alienista já não é tão claro quanto era antes. Tem dificuldade em estabelecer uma teoria, passando de um extremo ao outro. Coloca-se perguntas do tipo "Que país é este?" Que sociedade é esta "tão rica em leis e decretos racionais, mas que espera pelo seu D. Sebastião, o velho e ibérico pai de todos os renunciadores e messias?" (DA MATTA, p. 14).

O Alienista retorna, pois, ao seu trabalho. Necessitando estabelecer sua teoria, passará de um extremo a outro. O primeiro extremo é a continuação do que já vinha fazendo antes, só que, desta vez, sua teoria vai aos poucos adquirindo um caráter universalizante. Dissemos, no tópico II deste trabalho, **Torrentes de loucos**, que o alienista ia colecionando "loucuras" e manias do povo brasileiro para estabelecer uma teoria do Brasil. "Loucuras" e manias do tipo: "*Loucos por amor*", "*mania das grandezas*", "*gosto pela oratória pomposa e vazia*", etc. Naquele momento, o alienista preocupava-se com o específico da cultura brasileira. Neste momento, o específico vai adquirindo ares de universal. "Tudo era loucura" (*O Alienista*, p. 48). Os "*loucos por amor*" viram toda e qualquer "*namoradeira*" (idem, p. 48) porque "cediam... a um vício" (ib. p. 48). A "*mania das grandezas*" torna-se o "*furor das sedas*", veludos, rendas e pedras preciosas. O "*gosto pela oratória pomposa e vazia*" transforma-se na "*extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador*" (ib., p. 47).

Assim, as novas manias coletadas pelo alienista ("*namoradeira*", "*furor das sedas*", "*inconsistência de opiniões*") possuem um caráter universalizante. Não são específicos do povo brasileiro mas pertencem a toda a civilização ocidental. Portanto, depois de coletar mais de "quatro quintos" (ib., p. 50) das manias e "loucuras" do povo brasileiro, o alienista percebe que elas já não são específicas da cultura brasileira. Ao contrário. São "loucuras" tão universalizantes



que o alienista decide passar para o extremo oposto. Não procura mais o que seja específico do Brasil: O Brasil é o que seus colonizadores fizeram; portanto, o Brasil é universal.

Dessa maneira, o alienista muda radicalmente de ponto de vista. Passa de um lado para o seu oposto. Não procura mais o específico da cultura brasileira, mas o universal. É a vez dos "modestos; isto é, os loucos em que predominava esta perfeição moral"; a vez dos "tolerantes", "verídicos", "simplices", "legais", "magnânimos", "sagazes", "sinceros", etc. (*O Alienista*, p. 55).

É a vez dos vereadores e políticos honestos que sabem que "a vereança não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano" (idem, p. 53). É a vez dos que padecem do "perfeito equilíbrio das faculdades mentais" (ibid. p. 53). É, de novo, a vez do barbeiro Porfírio, dos que sabem se emendar, reconhecer seu erro e corrigir seu caminho. É a vez dos que, mesmo sendo "adversários", "esquecem os motivos da dissidência" (ib., p. 54) na hora de ajudar. É a vez da esposa digna e honesta, a mulher do boticário. Por fim, é a vez de Padre Lopes, o representante oficial da Igreja Católica no Brasil.

E façamos aqui uma pausa para comentar a relação Padre Lopes Simão Bacamarte. Até este momento, Bacamarte havia eliminado da Casa Verde o padre e sua influência. O Alienista preocupava-se em estudar a alma do povo brasileiro, mas de um ponto de vista científico, secular. Não concebia que padre e religião católica tivessem influência no seu objetivo de estudo e deixa os dois (padre e religião) do lado de fora. Neste momento, em que o alienista procura o universal, é quando ele se dá conta do papel que a religião católica exerce no imaginário social. Prova disso é a influência que o padre exerce como "divisor de famílias, pretendendo dirigir a mulher, herdeira do catolicismo intolerante, contra o marido, liberal e culto". "Manobra, a do padre, que romantismo divulgou, antes que o naturalismo e o realismo a consagrassem" (FAORO, p. 431). Essa influência universal do padre e da religião no imaginário social está presente em todo o texto do *O Alienista*. Cada vez que padre Lopes quer exercer sua influência, dirige-se a Dona Evarista. No início, quando não gosta da idéia de meter todos os loucos numa casa só:

"- Olhe, D. Evarista - disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo" (*O Alienista*, p. 13).

Outra vez, quando a Casa Verde se encontra lotada de gente, o padre recorre à esposa do alienista:

"- A propósito da Casa Verde, disse o padre Lopes, escorregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vem achá-la muito cheia de gente" (*O Alienista*, p. 30)

"Mais uma vez, o padre Lopes recorre ao caminho de outrora: a influência da mulher. Expediente vão - a mulher do alienista tornara-se adepta insubornável da ciência do século e do consorte" (FAORO, p. 433).

Além da influência da religião no imaginário social, existe também uma luta surda entre Ciência e Religião que atravessa toda a estória do Alienista. Essa luta é descrita por Raymundo Faoro, no capítulo V, "Os Santos Óleos da Teologia", tópico 3. "O Sacerdote no Tempo e na Sociedade" (\*). Não vamos, no entanto, nos deter neste assunto, uma vez que não faz parte da nossa linha de análise.

O que importa reter neste momento é a dificuldade de Bacamarte em esboçar ou estabelecer uma teoria. A ordem foi restaurada e o alienista pode trabalhar com toda a liberdade. Mas que caminho seguir? Buscar o específico? Em que medida o específico não é também universal? Então, por que não buscar logo o universal? Bacamarte está confuso: afinal, os brasileiros são loucos ou são?

## 5 O ALIENÍGENA

Chegamos ao capítulo final: "Plus ultra!" Passo a passo acompanhamos o alienista em sua busca de conhecer o recanto psíquico, os elementos invariantes do povo da Casa Verde, do povo brasileiro. De início, sua teoria permitia supor que o povobrasileiro é "louco", cheio de manias e valores que não se comportam de acordo com os padrões de normalidade, padrões racionais e objetivos de um mundo desencantado. Depois a rebelião mostra novas facetas do povo brasileiro. Após a restauração, Bacamarte já não sabe se os brasileiros se caracterizam por suas especificidades ou por suas universalidades. Seriam loucos ou são?

Para tentar resolver seu dilema, Bacamarte parte para a "terapêutica" (*O Alienista*, p. 56). E a terapêutica nada mais é que tentar encontrar um traço abrasileirado, um traço de loucura em cada indivíduo que pareça são. O alienista é bem sucedido nesta tarefa. Um a um, todos vão sendo devolvidos à rua: o vereador Galvão, o padre Lopes, a digna matrona senhora do boticário, etc. Enfim todos são "restituídos ao perfeito desequilíbrio das faculdades" (*O Alienista*, p. 58). Ou seja, mesmo os que foram "recolhidos" por sua sanidade, por suas características universais, traziam qualquer coisa de específico que os caracterizava como brasileiros.

Entretanto, essa sua nova teoria era por demais genérica. Era preciso encontrar um caminho mais preciso. "Alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria" (*O Alienista*, p. 59). O alienista descobre, enfim, o caminho que o levará a conhecer o recanto psíquico brasileiro: conhecendo a sua antítese. E a antítese do brasileiro é ele mesmo: O Doutor Simão Bacamarte.

Se as teses sobre o Brasil não são unânimes, elas apresentam uma unidade: possuem a mesma antítese. Essa antítese, desconfia Bacamarte, é ele mesmo.

Se para Roger Bastide, por exemplo, o Brasil é a terra dos contrastes, dos desequilíbrios, Bacamarte é sua própria antítese, uma vez que o alienista se caracteriza pela unidade, pelo "perfeito equilíbrio mental e moral" (*O Alienista*, p. 60).

(\*) A parte referente a *O Alienista* situa-se entre as páginas 430 e 433 de *A Pirâmide e o Trapézio* (1988)



que o alienista decide passar para o extremo oposto. Não procura mais o que seja específico do Brasil: O Brasil é o que seus colonizadores fizeram; portanto, o Brasil é universal.

Dessa maneira, o alienista muda radicalmente de ponto de vista. Passa de um lado para o seu oposto. Não procura mais o específico da cultura brasileira, mas o universal. É a vez dos "modestos; isto é, os loucos em que predominava esta perfeição moral"; a vez dos "tolerantes", "verídicos", "simplices", "legais", "magnânimos", "sagazes", "sinceros", etc. (*O Alienista*, p. 55).

É a vez dos vereadores e políticos honestos que sabem que "a vereança não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano" (idem, p. 53). É a vez dos que padecem do "perfeito equilíbrio das faculdades mentais" (ibid. p. 53). É, de novo, a vez do barbeiro Porfírio, dos que sabem se emendar, reconhecer seu erro e corrigir seu caminho. É a vez dos que, mesmo sendo "adversários", "esquecem os motivos da dissidência" (ib., p. 54) na hora de ajudar. É a vez da esposa digna e honesta, a mulher do boticário. Por fim, é a vez de Padre Lopes, o representante oficial da Igreja Católica no Brasil.

E façamos aqui uma pausa para comentar a relação Padre Lopes Simão Bacamarte. Até este momento, Bacamarte havia eliminado da Casa Verde o padre e sua influência. O Alienista preocupava-se em estudar a alma do povo brasileiro, mas de um ponto de vista científico, secular. Não concebia que padre e religião católica tivessem influência no seu objetivo de estudo e deixa os dois (padre e religião) do lado de fora. Neste momento, em que o alienista procura o universal, é quando ele se dá conta do papel que a religião católica exerce no imaginário social. Prova disso é a influência que o padre exerce como "divisor de famílias, pretendendo dirigir a mulher, herdeira do catolicismo intolerante, contra o marido, liberal e culto". "Manobra, a do padre, que romantismo divulgou, antes que o naturalismo e o realismo a consagrassem" (FAORO, p. 431). Essa influência universal do padre e da religião no imaginário social está presente em todo o texto do *O Alienista*. Cada vez que padre Lopes quer exercer sua influência, dirige-se a Dona Evarista. No início, quando não gosta da idéia de meter todos os loucos numa casa só:

"- Olhe, D. Evarista - disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo" (*O Alienista*, p. 13).

Outra vez, quando a Casa Verde se encontra lotada de gente, o padre recorre à esposa do alienista:

"- A propósito da Casa Verde, disse o padre Lopes, escorregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vem achá-la muito cheia de gente" (*O Alienista*, p. 30)

"Mais uma vez, o padre Lopes recorre ao caminho de outrora: a influência da mulher. Expediente vão - a mulher do alienista tornara-se adepta insubornável da ciência do século e do consorte" (FAORO, p. 433).

Além da influência da religião no imaginário social, existe também uma luta surda entre Ciência e Religião que atravessa toda a estória do Alienista. Essa luta é descrita por Raymundo Faoro, no capítulo V, "Os Santos Óleos da Teologia", tópico 3. "O Sacerdote no Tempo e na Sociedade" (\*). Não vamos, no entanto, nos deter neste assunto, uma vez que não faz parte da nossa linha de análise.

O que importa reter neste momento é a dificuldade de Bacamarte em esboçar ou estabelecer uma teoria. A ordem foi restaurada e o alienista pode trabalhar com toda a liberdade. Mas que caminho seguir? Buscar o específico? Em que medida o específico não é também universal? Então, por que não buscar logo o universal? Bacamarte está confuso: afinal, os brasileiros são loucos ou são?

## 5 O ALIENÍGENA

Chegamos ao capítulo final: "Plus ultra!" Passo a passo acompanhamos o alienista em sua busca de conhecer o recanto psíquico, os elementos invariantes do povo da Casa Verde, do povo brasileiro. De início, sua teoria permitia supor que o povobrasileiro é "louco", cheio de manias e valores que não se comportam de acordo com os padrões de normalidade, padrões racionais e objetivos de um mundo desencantado. Depois a rebelião mostra novas facetas do povo brasileiro. Após a restauração, Bacamarte já não sabe se os brasileiros se caracterizam por suas especificidades ou por suas universalidades. Seriam loucos ou são?

Para tentar resolver seu dilema, Bacamarte parte para a "terapêutica" (*O Alienista*, p. 56). E a terapêutica nada mais é que tentar encontrar um traço abrasileirado, um traço de loucura em cada indivíduo que pareça são. O alienista é bem sucedido nesta tarefa. Um a um, todos vão sendo devolvidos à rua: o vereador Galvão, o padre Lopes, a digna matrona senhora do boticário, etc. Enfim todos são "restituídos ao perfeito desequilíbrio das faculdades" (*O Alienista*, p. 58). Ou seja, mesmo os que foram "recolhidos" por sua sanidade, por suas características universais, traziam qualquer coisa de específico que os caracterizava como brasileiros.

Entretanto, essa sua nova teoria era por demais genérica. Era preciso encontrar um caminho mais preciso. "Alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria" (*O Alienista*, p. 59). O alienista descobre, enfim, o caminho que o levará a conhecer o recanto psíquico brasileiro: conhecendo a sua antítese. E a antítese do brasileiro é ele mesmo: O Doutor Simão Bacamarte.

Se as teses sobre o Brasil não são unânimes, elas apresentam uma unidade: possuem a mesma antítese. Essa antítese, desconfia Bacamarte, é ele mesmo.

Se para Roger Bastide, por exemplo, o Brasil é a terra dos contrastes, dos desequilíbrios, Bacamarte é sua própria antítese, uma vez que o alienista se caracteriza pela unidade, pelo "perfeito equilíbrio mental e moral" (*O Alienista*, p. 60).

(\*) A parte referente a *O Alienista* situa-se entre as páginas 430 e 433 de *A Pirâmide e o Trapézio* (1988)



Para Richard Morse, já falamos anteriormente, o Brasil é o país onde a visão de mundo ainda não se desencantou, no sentido weberiano do termo. Neste caso, Bacamarte também é a antítese, sendo o próprio porta-voz da razão desencantada do mundo.

Em Sérgio Buarque de Holanda, o Brasil foi colonizado e, portanto, traz em si - a ética da aventura. Ocupando o pólo oposto, Bacamarte é a antítese, comporta-se segundo a ética do trabalho. Daqui passemos a Macunaíma. O Doutor Simão Bacamarte é, em tudo, a antítese de Macunaíma "herói de nossa gente" (*Macunaíma*, p. 135). Bacamarte, dissemos, encarna a ética do trabalho: "o trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista" (*O Alienista*, p. 17-18). Macunaíma, ao contrário, é a própria ética da aventura, do provisório. Imaginem! "ter que trabucar, ele, herói..." (*Macunaíma*, p. 30). Macunaíma é sonso, xinga, mente, odeia, jura vingança, é "muito safado e sem caráter" (*Macunaíma*, p. 98). Bacamarte, ao contrário, é perfeitamente equilibrado, "possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade" (*O Alienista*, p. 60). Até no trato com as mulheres, os dois se opõem. Macunaíma não respeita as damas. Come as bananas amarelas e dá as verdes para a princesa. Escolheu, pois, a melhor parte, deixando a princesa com dor de barriga. Macunaíma não respeita as mulheres do irmão: Sofara, Iriqui e Suzi. Macunaíma não respeita o pacto de fidelidade que faz com Vei, a Sol e suas filhas: namora uma portuguesa. Mulher do irmão, Mãe do Maço, princesa, portuguesa, paulista, cunhã ou cunhatã: Macunaíma ama as mulheres. O Alienista, ao contrário, não se deixa levar pelo coração, escolhe pela razão. Casou com D. Evarista porque ela "reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes". (*O Alienista*, p. 11). E ainda agradece a Deus por ela ser "mal composta de feições" pois "não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva. miúda e vulgar da consorte" (*O Alienista*, p. 11).

Em Faoro, Bacamarte é "filho da nobreza da terra", tem "tradição e nascimento ilustre" e alcança da câmara "uma postura, autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo" (FAORO, p. 17). Em Faoro, Bacamarte ocupa, pois, o topo da pirâmide, sendo, pois, a antítese do povo brasileiro que ocupa suas bases. Também em Faoro, Bacamarte representa a Ciência. Ao recolher uma mulher "pela insensatez de acreditar em pragas, toda a população, alimentada de crenças meio religiosas, meio mágicas, estava em risco de encarceramento" (FAORO, p. 433)

Assim Bacamarte (ou a Ciência) é a antítese de toda a população que se alimenta de crenças religiosas.

Da Matta estuda os "carnavais, os malandros e os nossos renunciadores" que trazem para a luz do dia possibilidades de realizar um caminho criativo, mas invertido dentro da estrutura social" (DA MATTA, p.273). Assim, o caminho de Augusto Matraga, por exemplo, herói renunciador, caracteriza-se pela rejeição ao passado: "Liberta-se de seu passado e, assim fazendo, abre as portas de seu futuro". Matraga era Nhô Augusto "das Pindaibas e do Saco-da-Embira". Rico fazendeiro. Uma vez usurpado de suas posses, não retorna para assumir seu papel dentro das estruturas sociais. Renuncia. Simão Bacamarte é sua antítese: a nada renuncia. Faz valer na sociedade seu prestígio social. Mesmo diante da revolta dos Canjicas, não se altera: faz valer seu poder de nobre e gentleman.

\* \* \*

Se é difícil, portanto, estabelecer uma tese única para interpretar o Brasil, é fácil, no entanto, encontrar uma única antítese a todas as teses: ele, o Dr. Simão Bacamarte. Não mais o alienista, mas o alienígena, estrangeiro a todas as teorias. Ciente dessa nova descoberta, o alienígena isola-se para estudar a si mesmo. Sabe que, se entende a antítese, compreenderá a tese. "Com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher". Fechou a porta da Casa Verde e "entregou-se ao estudo... de si mesmo" (*O Alienista*, p. 61). Infelizmente, dali a dezessete meses o homem morreu e nós ficamos sem ter acesso à teoria que dá razão ao Brasil.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 17. ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; 1980.
- ASSIS, Machado de. *Alienista*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1973.
- BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. 10. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- DA MATTA, Roberto - *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro* - 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a Pirâmide e o Trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - *Raízes do Brasil*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
- MORSE, Richard - *O Espelho de Próspero: culturas e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ROSA, João Guimarães - *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- TEIXEIRA, Anísio - *Valores Proclamados e Valores Reais nas Instituições Escolares Brasileiras*. In: *Educação no Brasil - textos selecionados*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1976.



Para Richard Morse, já falamos anteriormente, o Brasil é o país onde a visão de mundo ainda não se desencantou, no sentido weberiano do termo. Neste caso, Bacamarte também é a antítese, sendo o próprio porta-voz da razão desencantada do mundo.

Em Sérgio Buarque de Holanda, o Brasil foi colonizado e, portanto, traz em si - a ética da aventura. Ocupando o pólo oposto, Bacamarte é a antítese, comporta-se segundo a ética do trabalho. Daqui passemos a Macunaíma. O Doutor Simão Bacamarte é, em tudo, a antítese de Macunaíma "herói de nossa gente" (*Macunaíma*, p. 135). Bacamarte, dissemos, encarna a ética do trabalho: "o trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista" (*O Alienista*, p. 17-18). Macunaíma, ao contrário, é a própria ética da aventura, do provisório. Imaginem! "ter que trabucar, ele, herói..." (*Macunaíma*, p. 30). Macunaíma é sonso, xinga, mente, odeia, jura vingança, é "muito safado e sem caráter" (*Macunaíma*, p. 98). Bacamarte, ao contrário, é perfeitamente equilibrado, "possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade" (*O Alienista*, p. 60). Até no trato com as mulheres, os dois se opõem. Macunaíma não respeita as damas. Come as bananas amarelas e dá as verdes para a princesa. Escolheu, pois, a melhor parte, deixando a princesa com dor de barriga. Macunaíma não respeita as mulheres do irmão: Sofara, Iriqui e Suzi. Macunaíma não respeita o pacto de fidelidade que faz com Vei, a Sol e suas filhas: namora uma portuguesa. Mulher do irmão, Mãe do Mato, princesa, portuguesa, paulista, cunhã ou cunhatã: Macunaíma ama as mulheres. O Alienista, ao contrário, não se deixa levar pelo coração, escolhe pela razão. Casou com D. Evarista porque ela "reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes". (*O Alienista*, p. 11). E ainda agradece a Deus por ela ser "mal composta de feições" pois "não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva. miúda e vulgar da consorte" (*O Alienista*, p. 11).

Em Faoro, Bacamarte é "filho da nobreza da terra", tem "tradição e nascimento ilustre" e alcança da câmara "uma postura, autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo" (FAORO, p. 17). Em Faoro, Bacamarte ocupa, pois, o topo da pirâmide, sendo, pois, a antítese do povo brasileiro que ocupa suas bases. Também em Faoro, Bacamarte representa a Ciência. Ao recolher uma mulher "pela insensatez de acreditar em pragas, toda a população, alimentada de crenças meio religiosas, meio mágicas, estava em risco de encarceramento" (FAORO, p. 433)

Assim Bacamarte (ou a Ciência) é a antítese de toda a população que se alimenta de crenças religiosas.

Da Matta estuda os "carnavais, os malandros e os nossos renunciadores" que trazem para a luz do dia possibilidades de realizar um caminho criativo, mas invertido dentro da estrutura social" (DA MATTA, p.273). Assim, o caminho de Augusto Matraga, por exemplo, herói renunciador, caracteriza-se pela rejeição ao passado: "Liberta-se de seu passado e, assim fazendo, abre as portas de seu futuro". Matraga era Nhô Augusto "das Pindaibas e do Saco-da-Embira". Rico fazendeiro. Uma vez usurpado de suas posses, não retorna para assumir seu papel dentro das estruturas sociais. Renuncia. Simão Bacamarte é sua antítese: a nada renuncia. Faz valer na sociedade seu prestígio social. Mesmo diante da revolta dos Canjicas, não se altera: faz valer seu poder de nobre e gentleman.

\* \* \*

Se é difícil, portanto, estabelecer uma tese única para interpretar o Brasil, é fácil, no entanto, encontrar uma única antítese a todas as teses: ele, o Dr. Simão Bacamarte. Não mais o alienista, mas o alienígena, estrangeiro a todas as teorias. Ciente dessa nova descoberta, o alienígena isola-se para estudar a si mesmo. Sabe que, se entende a antítese, compreenderá a tese. "Com os olhos acesos da convicção científica, trançou os ouvidos à saudade da mulher". Fechou a porta da Casa Verde e "entregou-se ao estudo... de si mesmo" (*O Alienista*, p. 61). Infelizmente, dali a dezessete meses o homem morreu e nós ficamos sem ter acesso à teoria que dá razão ao Brasil.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 17. ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; 1980.
- ASSIS, Machado de. *Alienista*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1973.
- BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. 10. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- DA MATTA, Roberto - *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro* - 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a Pirâmide e o Trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - *Raízes do Brasil*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
- MORSE, Richard - *O Espelho de Próspero: culturas e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ROSA, João Guimarães - *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- TEIXEIRA, Anísio - *Valores Proclamados e Valores Reais nas Instituições Escolares Brasileiras*. In: *Educação no Brasil - textos selecionados*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1976.